



## O padrão visual das revistas ilustradas pernambucanas da segunda metade do século XIX

*The visual pattern of illustrated magazines in Pernambuco dated the second half of the nineteenth century*

Maria Teresa de Carvalho Poças, Hans da Nóbrega Waechter

*memória gráfica brasileira, design gráfico de revista, história do design*

*Este artigo aborda o resultado da análise sobre o padrão visual das revistas ilustradas pernambucanas da segunda metade do século XIX. O conceito de linguagem visual que serviu de base para o estudo é o de Horn (1998) e a análise do projeto gráfico editorial das revistas usou como parâmetro as descrições críticas sobre as publicações periódicas que estão na origem da história do design gráfico em livros organizados por Cardoso (2005) (2009) e Mello e Coimbra (2011). A amostra foi composta pelos periódicos: Revista Ilustrada (1866); O Diabo a Quatro (1875); O João Fernandes (1886); A Exposição (1887) e O Tamoyo (1890). A análise confirmou a existência de um padrão marcado por um traço comum característico do design gráfico desses artefatos, tais como: linguagem visual com forte presença de caricatura; formato próximo a 31 x 22 cm, oito páginas: quatro tipográficas e quatro litográficas, revelando a técnica de impressão; capa com três unidades informativas: cabeçalho, informações textuais da edição e charge; no miolo, texto justificado em duas colunas; hierarquia da informação com tratamento visual diferenciado entre título e texto corrido; uso de fios, molduras e vinhetas. O estudo se constitui em mais um suporte para a memória gráfica brasileira.*

*brazilian graphics memory, graphic design magazine, design history*

*This paper approaches the results of the analysis of the visual pattern of illustrated magazines in Pernambuco dated the second half of the nineteenth century. The concept of visual language that formed the basis for the study is from Horn (1998) and the analysis of the graphic design magazines is based on parameter descriptions in books organized by Cardoso (2005) (2009) and Mello and Coimbra (2011). The sample was composed of: Revista Ilustrada (1866); O Diabo a Quatro (1875); O João Fernandes (1886); A Exposição (1887) and O Tamoyo (1890). The analysis confirmed the existence of a pattern marked by a characteristic common trait graphic design of these devices, such as: visual language with a strong presence of caricature; format close to 31 x 22 cm, eight-page: four-four lithographic typographical, revealing the printing technique; cover with three information units: header, textual information publishing and charge; in the core, justified text in two columns; information hierarchy with different treatment of titles and plain text; and use of wires, frames and vignettes. The study constitutes a further support for the brazilian graphics memory.*

### 1 Introdução

Um estudo sistemático sobre a história da revista pernambucana, desde sua origem, revelou a importância e a riqueza de um conjunto de publicações ilustradas que surgiram a partir da

técnica de impressão litográfica, período que marca o início da história da revista ilustrada no Brasil.

A realização deste estudo teve como motivação a constatação de que há poucos trabalhos relatados sobre a história do design gráfico em Pernambuco, voltados para a prática do design editorial de periódicos; constatação feita a partir de leituras sobre a história dos periódicos no Brasil, através de historiadores de design gráfico como Cardoso (2005) (2009) e Melo e Coimbra (2011), para citar os dois autores mais referenciados nessa área.

A metodologia adotada para a pesquisa foi, inicialmente, bibliográfica, em seguida, outras fases da metodologia completaram o processo de análise, dividido em três grandes etapas e suas subdivisões: **(etapa 1)** catalogação de periódicos de Nascimento (1970) (1972) — recorte temporal (1821-1930) — localização das fontes primárias — seleção de revistas ilustradas — elaboração do instrumento de análise — coleta do material — organização do material — tratamento dos dados da análise; **(etapa 2)** elaboração do catálogo de revistas pernambucanas (1921-1930) encontradas nos acervos de guarda; **(etapa 3)** divisão das revistas pernambucanas por característica da linguagem visual — seleção das revistas do século XIX — seleção das revistas ilustradas do século XIX.

Os acervos de guarda das fontes primárias para a coleta da amostra para este estudo foram encontrados nas instituições: Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj); Biblioteca Estadual de Pernambuco (BPE); Arquivo Público do Estado de Pernambuco (APE).

### Amostra

O *corpus* analítico foi composto conforme demonstrado na tabela 1, a seguir:

Tabela 1: Composição do corpus analítico

<b>Revista Ilustrada 1 a 5 de julho/1866</b>	<b>O Diabo a Quatro 1875 a 1878</b>	<b>O João Fernandes 1886 a 1887</b>	<b>A Exposição 1887 a 1888</b>	<b>O Tamoyo 1890 a 1893</b>	<b>TOTAL</b>
6 unidades	23 unidades	7 unidades	9 unidades	12 unidades	57 unidades

A pesquisa teve como objetivo investigar o padrão visual do design gráfico das revistas ilustradas pernambucanas da segunda metade do século XIX e seus resultados propiciam reflexões para a área do design da informação. Documentar a prática editorial dessas revistas contribui para a construção de mais um suporte para a memória gráfica brasileira.

## 2 A linguagem visual dos periódicos da segunda metade do século XIX em Pernambuco

Os avanços na área de tecnologia gráfica, provocando o barateamento da impressão litográfica na segunda metade do século XIX, impulsiona o surgimento da revista ilustrada no Brasil, fazendo com que o modelo **revista** se diferencie, ainda mais, do modelo **jornal**, que se caracteriza por ser mais textual, de caráter doutrinário e noticioso. Nesse período, é crescente o número de revistas novas, promovendo a inclusão de novo público leitor e, parte desse crescimento é proporcionado também pelas 'linguagens visuais como a caricatura, o cartaz e o quadrinho' (CARDOSO, 2009: 79), que tornam a informação trazida pelas revistas mais acessível e mais adequada para os propósitos de ampliação do mercado editorial, como afirma Cardoso:

As razões dessa ascendência das revistas em relação aos jornais é assunto digno de maior investigação. Certamente, os motivos são complexos, passando por questões de organização dos grupos editoriais, de tecnologia gráfica e de constituição do público leitor. Não devem ser

descontados os fatores ligados à ascensão da nova e incendiária linguagem das ilustrações (CARDOSO, 2009: 76).

A ilustração nas revistas foi um forte instrumento de comunicação de ideias para um grande público. 'Nunca antes na história da humanidade tinham existido condições para a produção barata de imagens impressas; e o resultado foi uma enxurrada sem precedentes das mesmas' (CARDOSO, 2009: 76), haja vista que sem a linguagem da ilustração, através da caricatura, possivelmente, não se realizariam as campanhas a favor da abolição e da república, de maneira tão exitosa.

Segundo Horn (1998), a linguagem visual é a integração entre elementos visuais (imagens e formas) e elementos verbais (texto), constituindo-se em unidades de comunicação com significado completo. Este conceito serviu de base para a observação da integração entre os vários elementos na composição das páginas das revistas pesquisadas porque o entendimento que se teve nessa investigação é de que, apesar do texto escrito também ser um elemento visual, ele apresenta diferenças quanto ao código em relação às imagens e às formas. Um exemplo para ilustrar esta circunstância é dado pela revista *O Diabo a Quatro*, na figura 1, apresentada mais adiante, onde se pode ter o seguinte pensamento: a imagem de um representante do clero, isolada, passa a ideia de um representante do clero; a de um ministro da saúde, idem; a de uma caveira, é abrangente também. Porém, as três figuras juntas e um texto que diz 'sob o influxo desta santa trindade, onde iremos nós parar, desgraçados!' passa a ter um sentido diferente que se realiza pela integração dos elementos visuais e verbais, atribuindo à charge mais uma camada de significado para o entendimento da comunicação que se quis fazer, e de acordo com Horn (1998), nessa circunstância, percebe-se uma unidade comunicativa com significado completo. É evidente que o leitor reconhece os personagens da charge, normalmente pessoas públicas associadas a determinados episódios, neste caso, trata-se de uma charge de José Neves sobre o ministro da Saúde, José Bento e o Cônego José Gonçalves Ferreira. Os alvos preferidos para a crítica ácida da revista: governo e clero.

Figura 1: A Trindade. *O Diabo a Quatro*, edição 63, p. 8, 1876



A partir de 1821, com a liberação da atividade de imprensa, no Brasil, para grupos particulares, resultado dos efeitos da Revolução Constitucionalista do Porto (ARAÚJO, 1820), todos os matizes políticos: radicais, conservadores, moderados e idealistas criaram suas próprias publicações como forma de inclusão no debate político. Vale ressaltar que desde 1808, a única oposição política tinha ficado por conta do *Correio Braziliense*, de Hippolyto da Costa,

produzido em Londres com circulação no Brasil. Portanto, a partir de 1821, houve um período de grande efervescência política e também de muitas incertezas, a apenas um ano da proclamação da independência do Brasil. Dessa forma, o momento reuniu condições férteis para a proliferação de publicações com discussões acirradas a favor e contra a abolição e a independência, entre outros assuntos de interesse público. A caricatura, que fez da charge política e de costumes um poderoso argumento da linguagem visual na crítica jornalística das revistas, parece ter bebido na fonte das discussões políticas presentes nesses jornais, mais adiante, dando visualidade imagética ao que era trazido pelas publicações mais textuais.

No meio de tantos debates acalorados, a participação de Pernambuco, nesse período, acontece através do padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, que ficou conhecido como padre Carapuço, por fazer um jornal com esse nome:

Defendia a liberdade de imprensa, denunciava a imoralidade da escravidão e criticava a corrupção das elites brasileiras. Comportava-se assim bem no espírito do clero do tempo, quando muito mais que os conservadores predominavam os liberais, e muitos padres houve que deram em revolucionários, como os famosos padre Roma, padre Mororó e Frei Caneca (LUSTOSA, 2009: 34).

A linguagem visual da ilustração de humor, portanto, torna-se frequente a partir do período da Regência, no bojo dessas discussões onde a crítica política e de costumes dá tempero aos grandes embates dos jornais que circulam nesse período, seja de situação ou de oposição ao governo. Isso pode ser facilmente verificado através da profusão de caricaturas políticas nas revistas ilustradas da segunda metade do século XIX. A propósito, Fonseca define a caricatura da seguinte forma:

O termo caricatura é designação geral e abrangente para uma forma de arte que se expressa através do desenho, da pintura, da escultura, etc. A caricatura pessoal, que utiliza a deformação física como metáfora de uma ideia (o retrato político de uma pessoa, por exemplo), limitando-se ao exagero das características físicas, é apenas uma de suas manifestações, tal como é a caricatura de situação, na qual acontecimentos reais ou imaginários colocam em relevo os costumes ou o comportamento de certos grupos humanos (FONSECA, 1999: 17).

O contexto político da Regência, portanto, oferece o combustível ideal para prover os jornais pernambucanos de textos exaltados, bastante agressivos e irônicos, descambando, muitas vezes, para o tom anedótico e satírico. Muitos jornais, dentro desse grupo, já se posicionam a partir do próprio nome, como por exemplo: *O Maribondo*; *O Carcundão*; *O Carapuço*; *A Mutuca Picante*. A partir daí, provavelmente em busca de dar mais força ao que se defende e/ou se critica — mais um passo — e, já se percebe a linguagem visual da caricatura contribuindo para que esse discurso ecoe mais alto e para mais pessoas (inclusive analfabetos). 'A caricatura não é somente a tribuna do seu desenhista. Além de orientar ou refletir a opinião do público a que se dirige, é também sua voz, o que a torna uma forma de expressão importante e temida' (FONSECA, 1999: 12). E é dessa forma que os desenhos de humor se proliferam na imprensa, dando materialidade visual a esses discursos e criando seus próprios estereótipos, cuja compreensão sobre seu significado é imediata. Segundo Saliba:

A compreensão decorre de um acordo prévio da memória coletiva, que sintetiza todo o efeito da representação nas rápidas simplificações da anedota. O estereótipo é uma espécie de *prêt-à-porter* do humorismo, que, por sua vez, se alimenta desta sua intrínseca vocação de juntar fragmentos do passado e concentrá-los naquele instante rápido e fugidio da anedota (SALIBA, 2002: 16).

A caricatura começa a se consolidar entre as revistas ilustradas e passa a ser a linguagem gráfica visual das revistas que circularam na segunda metade do século XIX. Nesse período, muitas vezes, o autor escreve e ilustra as reportagens. A revista é mais para ver do que para ler. Foi, sem dúvida, um fortíssimo instrumento de campanha a favor da Abolição da Escravatura e da Independência e República (EDITORA ABRIL, 2000).

Uma breve incursão pela história da revista ilustrada percebe-se, como diz Cardoso (2009), que as revistas ilustradas serviram como espaço privilegiado para a experimentação gráfica e visual e aqui em Pernambuco não foi diferente.

### 3 Resultado da análise dos periódicos

O padrão **revista ilustrada** constitui um rico acervo para se reconstruir uma linha de tempo dessas publicações. Aos poucos, foi se configurando que a maioria das revistas ilustradas brasileiras, em fins do século XIX, tinha como marca o desenho de humor, inclusive as produzidas em Pernambuco.

A amostra das revistas analisadas pela pesquisa revelou uma preferência editorial pela crônica de costumes feita, muitas vezes, de forma irreverente e satírica, e nesse sentido foi possível observar o desenho de humor como parte do discurso jornalístico das publicações. Por esta razão, a caricatura é responsável, de forma predominante, pela visualidade do projeto gráfico das revistas desse período.

Figura 2: da esquerda para a direita: capa da *Revista Ilustrada*, edição nº 2 (1866); capa da revista *O Diabo a Quatro*, edição nº 34 (1876)



Figura 3: da esquerda para a direita: capa da revista *O João Fernandes*, edição nº 3 (1886); capa da revista *A Exposição*, edição nº 1 (1887); capa da revista *O Tamoyo*, edição nº 12 (1890)



O formato padrão das revistas semanais ilustradas em Pernambuco segue o padrão nacional, que se caracteriza como uma publicação de oito páginas, com uma estrutura de quatro páginas de texto e quatro de ilustrações. A página 1 com desenho — a capa, as 2 e 3 com texto, as 4 e 5 — páginas centrais, com ilustrações, as páginas 6 e 7 com texto e a 8 — contracapa, com imagem. Isso decorre do fato de que na gráfica, uma única lâmina é dobrada duas vezes formando um caderno de oito páginas, com texto de um lado — impressão tipográfica e, do outro, imagem — impressão litográfica. A esse respeito, Costa comenta que:

...a estrutura que a *Semana Ilustrada* consagrou, em que as páginas 1, 4-5 e 8 são ilustradas com litografia, e as 2-3 e 6-7 são de texto impresso em tipografia (como já se explicou, na realidade uma lâmina impressa de um lado, litografada de outro, dobrada duas vezes, armadando a revista semanal padrão dessa segunda metade do século XIX (COSTA, 2012: 267).

Figura 4: Exemplo de páginas litográficas e textuais, dentro da estrutura de publicação de 8 páginas



Anterior ao surgimento dos periódicos aqui tratados, o jornal e a revista tinham textura tipográfica muito densa e a diferença ficava por conta do caráter jornalístico e literário do artefato: o jornal, noticioso e doutrinário; a revista, literária. O papel era importado e caro, e por isso era comum tentar aproveitá-lo ao máximo. Com o tempo, a revista descola do formato do jornal em diferentes escalas, mas não ao mesmo tempo para todas as publicações: o jornal permanece muito textual, mas sua periodicidade se torna mais curta — diária, e a revista passa a ter uma capa, mais variedade de assuntos, mais páginas e periodicidade semanal ou maior, e, dessa forma, vai-se constituindo um padrão visual na linguagem gráfica das revistas pernambucanas do período (CARDOSO, 2005, 2009) (MELO; COIMBRA, 2011).

A pesquisa também apontou que a revista ilustrada pernambucana da segunda metade do século XIX demonstra que o design gráfico editorial já tem viés ideológico e/ou tendencioso, refletindo a linha de pensamento da editora, o que configura o campo até hoje. Portanto, nos primórdios do projeto gráfico de revista, esses parâmetros já orientavam os designers/ilustradores.

É bom refletir que, muitas vezes, perdem-se informações sobre de quem se fala nas charges, que têm como característica ser um desenho de humor com significado completo apenas dentro de um contexto que se conhece. Por mais suscetível de ser compreendida com clareza a mensagem gráfica, perde-se um componente dessa comunicação que faz com que o pesquisador possa participar da provocação ou do elogio a alguém ou a alguma coisa, que é a identificação de quem ou do que se trata dentro daquele contexto específico. As representações



Esta imagem representa, portanto, a figura de um ‘furão’, um ‘peru’ que se endivida e se exhibe através de um padrão de vida que não pode sustentar, em busca da atenção de uma mulher ligada ao teatro (informação encontrada no miolo da revista). E dessa representação pode-se dizer que para o exibicionista, não a plateia, mas o palco é a melhor vitrine. A sátira visual se caracteriza pelo deslocamento de um espectador no palco em vez de sentado assistindo ao espetáculo. No entanto, analisando a revista nos dias de hoje, não dá para saber de quem se trata.

Outra observação, agora referente ao papel do cabeçalho nas capas das revistas, é que ele é invariável em todas as edições, fato verificado no padrão visual das capas da amostra. Ocorre que se trata da representação de um assunto trazido pela edição específica, ou seja, tem relação com matéria interna. Pode-se concluir, a partir deste exemplo e observando-se a capa de outro número da mesma revista que o conceito de cabeçalho ainda não está assimilado pela publicação. Esta conclusão, porém, é tirada de uma amostra de apenas dois exemplares, portanto, não suficiente para dizer que a revista não atribui ao cabeçalho o conceito que se conhece.

A parte inferior da capa apresenta uma charge com a representação de duas figuras, também públicas — característica da charge para que o significado possa ser compartilhado —, em uma local que representa uma rinha de briga de galo, onde, dois pesos pesados da política brigam pelo poder. Tudo isso assistido pelo povo que espera pelo resultado, para revelar o mais ‘poderoso’ dessa disputa.

Além desse repertório imagético que faz sentido para os leitores até os dias de hoje, as páginas textuais também trazem regularidades percebidas e incorporadas à contemporaneidade: texto em coluna, o título ter um corpo maior que o texto de parágrafo, a escolha da disposição do texto em alinhamentos ora justificado nas matérias comuns, ora com recuo acentuado nos poemas; o uso de fios para separar as colunas de texto ou unidades diferentes de informação ao longo da página; a presença de folio e o recuo da primeira linha do parágrafo foram aspectos comuns às revistas. Todas elas usam fios, vinhetas e algumas apresentam moldura nos títulos, atribuindo leveza e graciosidade à densidade textual.

Importante notar que a revista *O Tamoyo* participa desse padrão gráfico apenas na primeira página das edições. Outras páginas editoriais apresentam um tratamento visual que se repete por toda a revista, de forma imutável, qual seja, a imagem de um bonachão, olhando para o leitor, em cima dos títulos das matérias, interpretado por esta pesquisa como uma intenção de atribuir humanidade a voz da publicação, tornando-a mais pessoal. Fato reforçado pelo texto em uma coluna, com o formato de uma carta.

Figura 7: páginas-tipo da *Revista Ilustrada*, p. 4 e 15, ed. 2/1866; páginas-tipo da revista *O Tamoyo*, p. 2, ed. 12/1890 e página não identificada, ed. 4/1890; páginas 6 e 7 da revista *A Exposição*, ed. 28/1888; páginas 2 e 3 da revista *O João Fernandes*, ed. 37/1887



De toda a amostra, sem dúvida, a revista que mais se destaca é *O Diabo a Quatro*. É a única revista citada pelos livros de história do design gráfico por Cardoso (2009) e Mello e Coimbra (2011). Sua vigência foi de 1875 a 1878, com 195 edições. Linguagem visual repleta de ilustrações satíricas, com muita irreverência e humor corrosivo em suas reportagens.

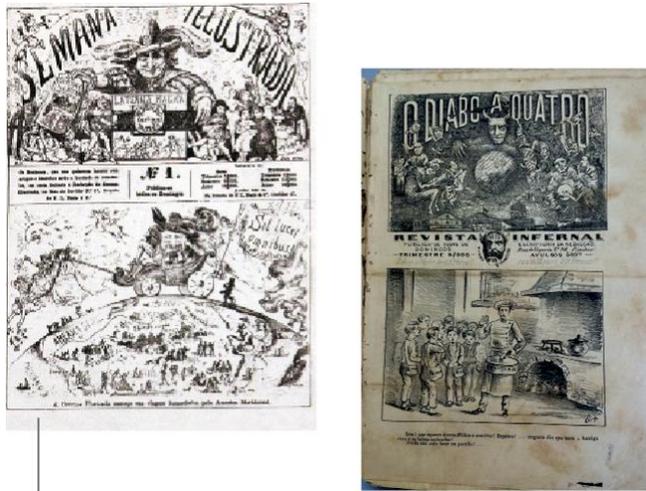
Figura 8: Charge da revista *O Diabo a Quatro*. Em um ambiente imperial, o rato-mor com uma coroa de imperador e seus súditos divididos entre gatos e ratos, lê-se a frase: quem não entende é tolo



Foi uma revista que se manteve fiel ao seu público leitor com jornalismo investigativo, denunciando, com suas charges, todas as fragilidades de uma sociedade que se dividia entre o apoio a monarquia e a república, com a intervenção forte da igreja nas grandes decisões que pautaram a vida da coletividade nesse período. Parece evidente que este tenha sido o combustível que alimentou os ilustradores/desenhistas ao longo de 195 edições. Recebeu forte influência de Angelo Agostini, com sua *Revista Illustrada* e fez escola para revistas que se

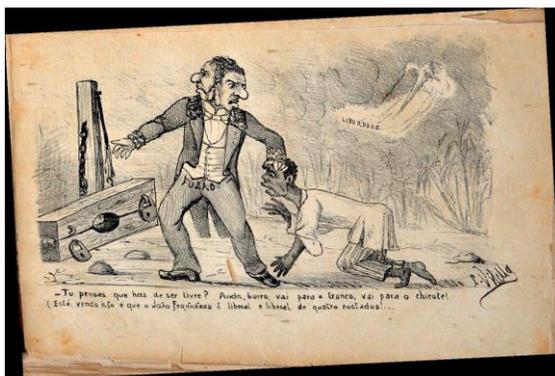
seguiram. Percebe-se, também, certa influência da revista *A Semana*, de Henrique Fleiuss no cabeçalho do periódico.

Figura 9: *Semana Illustrada* e *O Diabo a Quatro*: uma figura central – bruxo ou diabo, título em perspectiva; o entorno poluído com figuras variadas.



Destaque também para a revista *O João Fernandes*. Salta aos olhos a retórica visual da linguagem do periódico em muitas situações, por exemplo, quando se posiciona politicamente a favor da abolição da escravatura e apresenta uma charge onde texto e imagem parecem dizer o contrário — antítese; porém a charge é tão forte que, possivelmente, a revista pretenda sensibilizar o leitor mostrando, de forma agressiva, o lado desumano e selvagem da escravidão e suas práticas, como forma de causar repúdio, fazendo com que a pessoa que está lendo passe a não se identificar mais com aquilo.

Figura 10: Esta forma de representar o movimento da cabeça também pode ser encontrada em uma charge de Agostini, no *Cabrião* (1866-1867) ao lado.



Esta forma de representar o movimento da cabeça também pode ser encontrada em uma charge de Agostini, no *Cabrião* (1866-1867), como pode-se perceber na figura 15 abaixo.

Figura 11: Charge de Agostini, no *Cabrião* (1866-1867)



## 4 Conclusão

A pesquisa verificou que o design gráfico, como prática editorial, foi sendo incorporado paulatinamente, transformando e até mesmo inventando novas linguagens visuais; fazendo com que cada vez mais a informação visual se tornasse mais conformadora da realidade das pessoas. A questão que norteou esta investigação a respeito da relação existente entre a linguagem visual das revistas ilustradas pernambucanas da segunda metade do século XIX e a constituição de um projeto gráfico característico desse período conduziu a pesquisa confirmando a hipótese de que a linguagem visual desses periódicos revela um projeto gráfico em formação, marcado por um traço comum característico do design editorial desses artefatos.

O propósito da análise de que fala este artigo foi o de contribuir para a formação da memória gráfica das revistas produzidas em Pernambuco, através da construção de uma linha do tempo com início na origem das revistas ilustradas da segunda metade do século XIX, em busca da existência de um padrão visual comum ao projeto gráfico de revista. A análise confirmou a existência de um padrão marcado por um traço comum característico do design gráfico desses artefatos, tais como: linguagem visual com forte presença de caricatura; formato próximo a 31 x 22 cm, oito páginas: quatro tipográficas e quatro litográficas, revelando a técnica de impressão; capa com três unidades informativas: cabeçalho, informações textuais da edição e charge; no miolo, texto justificado em duas colunas; hierarquia da informação com tratamento visual diferenciado entre título e texto corrido; uso de fios, molduras e vinhetas.

A realização deste estudo partiu da constatação de que existe uma lacuna na história do design gráfico brasileiro com relação à produção periódica pernambucana. Dessa forma, esta análise se voltou para o projeto gráfico das revistas com intenção de divulgar essa produção editorial, deixando outras abordagens para estudos posteriores, apenas referidas na pesquisa como informação secundária. O estudo cumpre apenas uma etapa de uma investigação muito maior sobre a memória gráfica pernambucana. Espera-se que o conhecimento produzido pela análise aqui empreendida possa somar-se a outros conhecimentos dentro da história do design gráfico brasileiro. Registre-se, finalmente, que é possível refletir sobre a importância do periodismo para a história do design em Pernambuco, uma vez que a contextualização desses artefatos demandou, provavelmente, novos profissionais tipógrafos, litógrafos e desenhistas.

## Referências

ARAÚJO, Felipe. Revolução do Porto. Disponível em:  
<<http://www.infoescola.com/historia/revolucao-do-porto/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

- CARDOSO, Rafael (Org.). , 2005. O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 360 p.
- \_\_\_\_\_. Origens do projeto gráfico no Brasil. 2009. In: CARDOSO, Rafael (Org.). Impresso no Brasil 1808 - 1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Verso Brasil, p. 67-85.
- COSTA, Carlos. A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro.
- FONSECA, Joaquim da. 1999. Caricatura: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 288 p.
- HORN, Robert E. 1998. Visual Language: Global Communication for the 21st Century. Bainbridge Island, Washington: MacroVU, Inc.
- LUSTOSA, Isabel. 2009. Imprensa e impressos brasileiros: do surgimento à modernidade. In: CARDOSO, Rafael (Org.). Impresso no Brasil 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Verso Brasil, p. 29-43.
- MELLO, Chico Homem de; COIMBRA, Elaine Ramos (Org.). 2011. Linha do tempo do design gráfico no Brasil. São Paulo: Cosac Naify, 744 p.
- NASCIMENTO, Luiz do. 1969. Aurora História da imprensa de Pernambuco (1821-1954). Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco.
- SALIBA, Elias Thomé. 2002. Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 366 p.

### **Sobre o(a/s) autor(a/es)**

Maria Teresa de Carvalho Poças, PhD, UFPE, Brasil <tpocas@gmail.com>

Hans da Nóbrega Waechter, PhD, UFPE, Brasil <hnwaechter@terra.com.br>